

# Editorial

O desenvolvimento histórico e o desenvolvimento da ciência estão permanentemente num processo de transformação. Isto porque o conhecimento da realidade nunca é pleno, e também porque a realidade não é estática. Tudo está em mudança, o que apela a desafios a que a formação não pode ficar indiferente. Pensamos que temos necessidade de encontrar um sentido para a formação que fazemos, procurando que o espírito científico se forme enquanto se reforma (Bachelard, 2006, *A formação do espírito científico*). Erramos se não mudarmos e não nos formamos com a mudança. É neste processo de mudança que se deve concentrar o nosso esforço para derrubarmos os obstáculos epistemológicos que impedem o desenvolvimento e a criação de uma nova cultura científica. Precisamos de uma psicanálise da razão que nos incite a estar atentos, vigilantes e abertos a esta dinâmica formativa. Foi no sentido de nos mobilizarmos para esta problemática formativa que a RLE 45 se abriu quer à formação de adultos e aprendizagem ao longo da vida quer à inovação das práticas pedagógicas no Ensino Superior.

As rápidas transformações sociais e tecnológicas têm lançado novos desafios à qualificação de pessoas adultas evidenciando, sobretudo, necessidades ao nível do aumento global da literacia, incluindo a literacia digital, e mostrando novas áreas profissionais carentes de formação. É neste contexto de complexidade e permanente imprevisibilidade social, que as alterações no mundo do trabalho têm vindo a questionar e a impulsionar alternativas educacionais, tanto em termos da adequação das propostas e dos modelos formativos às mudanças das condições de empregabilidade, como à criação e flexibilização de programas de requalificações que rapidamente se possam ajustar à necessidade de atualização.

A educação de adultos e a aprendizagem ao longo da vida têm-se assim diversificado nos seus propósitos e nas suas práticas, correspondendo a este facto também uma diferenciação nas modalidades de aprendizagem possíveis para responder às necessidades e características destes diferentes públicos adultos: presenciais, a distância, mistas. Neste âmbito, os artigos que compõem o dossiê “Formação, emprego e inclusão”, coordenado por Darlinda Moreira, Glória Bastos e Daniela Barros do Departamento de Educação e Ensino a Distância da Universidade Aberta (Lisboa), apresentam um conjunto de perspetivas, partindo de vários quadrantes geográficos (Portugal, Brasil, Espanha), complementares nestas abordagens e nas visões que proporcionam ao contexto multifacetado da educação de adultos e da aprendizagem ao longo da vida.

Do Brasil, Telma Alves e Maria Cecília Fantinato, através de uma abordagem qualitativa, na forma de estudo de caso, analisam os desafios colocados aos docentes do curso de Manutenção e Suporte em Informática, que integra o Programa da Educação Básica Integrada à Educação Profissional Técnica de Nível Médio, na modalidade Educação de Jovens e Adultos (EJA), implementada na Rede Federal, em 2006, pelo governo de Lula da Silva. Os resultados mostram que a formação inicial dos professores para a EJA ainda é incipiente.

O artigo de Maria Angeles Pascual Sevillano e Javier Fombona Cadavieco apresenta os resultados obtidos com um estudo realizado no âmbito de um projeto europeu, envolvendo Espanha, França, Itália e Portugal. A partir de um levantamento de exemplos de boas práticas no âmbito da educação de adultos, destacam-se o desenvolvimento da autoestima dos participantes e atitudes de apreço pela diversidade e multiculturalidade, que os autores apontam estar em linha com as orientações existentes para a EA.

Darlinda Moreira apresenta uma reflexão em torno da formação ao longo da vida e do futuro do trabalho, analisando por um lado, as implicações formativas das mudanças introduzidas no local de trabalho que se encontram relacionadas com os desafios da multiculturalidade e respetiva emergência de práticas profissionais interculturais que requerem competências culturais e, por outro, através do exemplo do denominado teletrabalho, trabalho a distância ou trabalho móvel, a expansão da tecnologia digital e da automatização e respetivos efeitos nos empregos.

Focado em Espanha, o artigo de Susana Molina-Martín, Beatriz Sierra-Arizmendiarieta e Marta Soledad García-Rodríguez apresenta uma pesquisa cujo objetivo é colocar o corpo docente dos Centros de Educação de Adultos segundo três perfis de ensino em relação às competências: ensino tradicional, modelo em transição e trabalho por competências. Os resultados indicam que 31,76% dos docentes trabalham para o desenvolvimento de competências, enquanto os 68,24% restantes são colocados em um modelo em transição para o trabalho por competências.

O artigo de Ricardo Palmeiro, Visitación Pereda e Luísa Aires apresenta e analisa o programa KZgunea, o projeto de inclusão digital do governo basco, como um caso paradigmático da evolução dos programas e políticas governamentais orientados para a promoção da literacia digital que permite aos cidadãos participar plenamente em todos os campos de uma sociedade cada vez mais digitalizada, sendo assim um instrumento de *empowerment* e inclusão social e pretende, em última instância, contribuir para melhorar a empregabilidade, uma chave para a construção da cidadania digital no século XXI.

Glória Bastos, Rosa Maria Sequeira e Daniela Melaré Vieira Barros focam a sua atenção no papel que a educação a distância *online* pode desempenhar no campo da educação de adultos e da aprendizagem ao longo da vida, sobretudo no ensino superior e enquanto fator de inclusão social e digital. A partir de uma reflexão sobre as características do estudante adulto e sobre os desafios que esse perfil coloca em termos do processo de aprendizagem, apontam-se caminhos metodológicos, de ofertas formativas adequadas a diferentes perfis é exemplificada com o caso da Universidade Aberta.

Na secção Diálogos, Darlinda Moreira conversa com Rui Canário. Destacamos nesta conversa as ideias inovadoras sobre educação de adultos, que Rui Canário soube introduzir em Portugal, e que continuam na linha da frente da atualidade através da argumentação dos princípios de *autodidaxia*, *contextualização das aprendizagens e formações abertas à criatividade*, à diversificação e às dinâmicas locais. Evidenciamos ainda nesta conversa a trajetória académica em articulação com a pessoal que mutuamente se apoiam e constroem.

No cumprimento de uma das rubricas da política editorial da Revista Lusófona da Educação, divulgam-se, neste número, alguns resumos de Teses de Doutoramento e Dissertações de Mestrado, defendidas no Instituto de Educação da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias.

*Lisboa, Setembro de 2019*

António Teodoro, Darlinda Moreira,  
José V. Brás & Maria Neves Gonçalves